

TERRAS DO TEJO

REVISTA MENSAL ILUSTRADA

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO

JOÃO CALADO RODRIGUES

Redacção e Administração
Praça Gago Coutinho
MAÇÃO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
SOCIEDADE ASTÓRIA, L.ª
REGUEIRÃO DOS ANJOS, 68
LISBOA

Este número foi visado pela Comissão de Censura

As manifestações de protesto contra o vil atentado de 4 de Julho e de regosijo por dele ter saído ileso o ilustre Chefe do Governo

Dr. Oliveira Salazar

atingiram em Mação um alto grau de vibração patriótica e de profunda fé na obra do ressurgimento nacional

Por iniciativa do presidente da Câmara, sr. Dr. Abílio Tavares — que, assim, satisfaz o desejo da população ordeira de Mação de que o director desta revista se avia feito eco — realizaram-se no domingo, dia 9 de julho, imponentes manifestações de protesto contra o execrando atentado de que foi alvo o ilustre Presidente do Governo e de júbilo pelo seu providencial salvamento.

Foi, sem dúvida, uma das mais vibrantes manifestações de patriotismo que se têm realizado em Mação.

As 16 horas, no vasto Largo dos Combatentes da Grande Guerra — que, pouco a pouco, vai tomando, pelas obras que nêle se realizam, um gracioso aspecto citadino — começa a organizar-se o cortejo, que, pouco depois, começa a desfilar ao som do Hino Nacional, depois da Mocidade Portuguesa ter cantado a sua marcha.

A frente, os alunos das escolas primárias, sob a direcção dos professores srs. Etelvino Condeixa e António Gago. Segue-se uma numerosa representação da Mocidade Portuguesa, conduzindo a bandeira o aluno do 6.º ano dos liceus, sr. João Heitor Mirrado.

Depois o estandarte do Município conduzido pelo sr. Dr. Calado Rodrigues, ladeado pelos legionários armados srs. Hermenegildo Sales Belo Catarino e José Enrique Sequeira Belo, do núcleo de Mação, e um legionário de Carvoeiro, seguindo-se a guarda de honra, constituída por uma «quina», também armada, da Legião, sob o comando do Sr. Carmona de Oliveira e, na máxima força, sob o comando do Sr. Mário Marques, as restantes «quinas» de legionários. Pela correcção da marcha e aprumo militar, a Legião mereceu os elogiosos comentários de toda a gente, revelando a competência do seu instrutor, o sargento sr. Domingos Roque.

Marchavam, a seguir, os Bombeiros Voluntários, com o seu comandante sr. Manuel Marques, Câmara Municipal, autoridades, Juntas de Freguesia, acompanhadas por largas representações, algumas delas erguendo grandes letreiros com afirmações nacionalistas, a Filarmónica da Sociedade União Maçaense e uma multidão de muitas dezenas de pessoas de todo o concelho.

O cortejo, seguindo pelas ruas Padre Pereira de Figueiredo e Cândido dos Reis, dirigiu-se à Igreja Matriz, onde se cantou o «Te-Deum» tendo tomado lugar na plataforma as autoridades e os elementos oficiais de todo o concelho, os estandartes e a guarda de honra da Legião,

sendo numerosa a assistência que quasi enchia o vasto templo.

Depois de o pároco da freguesia ter proferido uma curta alocução, pôs-se novamente em marcha o cortejo, que seguiu pelas ruas Pina Falcão, Praça Gago Coutinho e ruas Sacadura Cabral e Padre Figueiredo, até ao



DR. OLIVEIRA SALAZAR

teatro, que rapidamente se encheu e onde se realizou a sessão solene a que presidiu o administrador do Concelho, António Heitor Dias, ladeado pelos srs. Dr. Abílio Tavares, presidente da Câmara e da União Nacional e Delegado do Comando Distrital da Legião e os representantes das freguesias srs. Benjamim Paisana (de Penascoso) Padre Joaquim António Pequito (de Carvoeiro) Zacarias Cadete (de Ortiga), e Manuel Pinheiro e Joaquim Casaca (de Envendos).

Falou em primeiro lugar o sr. Dr. Izidro Sequeira Estrela, que proferiu algumas palavras alusivas ao acto e soltou alguns vivas.

Usou, depois, da palavra, o sr. Dr. António Patrício

Lucas, que dissertou criteriosamente sobre vários aspectos da dissolução social originada pelo comunismo, deitando-se especialmente, como médico, sobre a prática do aborto.

Fala a seguir o Sr. Dr. Calado Rodrigues:

Meus senhores:

Vou dizer-vos, apenas, quatro palavras singelas.

Depois, vestirei essas palavras singelas com quatro pequenas frases, simples, para que essas quatro palavras soem a vossos ouvidos e fiquem na vossa memória, como se fossem palavras do tempo em que Jesus andava, visivelmente, pelo mundo, palavras pobres, vestidas da lãzinha humilde que vestia os corpos das doces criaturas de antanho, cujas almas, a um tempo doces e fortes, eram de cristal limpo, enchendo-se de luz do Alto, para as transmitirem, generosamente, aos outros, enriquecida de fulgurações irizadas.

Tais como se, numa taça de cristal, plena do nosso vinho generoso da Chave Dourada — cantado pelos grandes poetas de Setecentos — erguido para o Céu, em toda a sua pureza de oblação entusiástica, incidisse um raio de sol vindo do Alto, que não houvesse tocado ainda nem na pétala imaculada de um lírio!

Palavras singelas, vestidas dessa lãzinha humilde, dessa pobre estamemha que vestia os nossos avós, que parecia tecida nos teares de mil sacrifícios, com as lágrimas dos que já esperavam pacientemente o advento da justiça social, com a Fé que florescia em Esperança nesses tempos de maior Caridade cristã, de maior despreendimento dos gozos materiais da vida, que levam, muitas vezes, até ao completo esquecimento dos mais imperiosos deveres espirituais.

Quatro palavras simples, como se fossem vestidas dessa lãzinha e dessa estamemha de que ainda hoje trajam os humildes pastoreiros das serranias da nossa Beira ou os pobres cavadores, que parecem andar cavando a própria sepultura, como figuras de tragédia, da tragédia eterna do mundo, no cumprimento da tremenda sentença do Génesis:

«Comereis o pão com o suor do vosso rosto.»

Vou dizer-vos as quatro palavras simples. El-las:

Anteontem. Ontem. Hoje. Amanhã.

* * *

Anteontem eram os esplendores da glória.

O pensamento santo da formação da Pátria, mergulhando as raízes nos tempos nebulosos.

Os heroísmos da consolidação da Independência, no esforço magnífico documentado em tantas ruínas gloriosas, em tantas memórias excelsas.

As audácias maravilhosas da expansão da Raça, nas descobertas visionadas do penhasco de Sagres e nas conquistas de Impérios em todas as partes do mundo.

A história esculpindo, em bronze eterno, os Nunos, os Gamas, os Cabrais, os Albuquerque, os Almeidas.

A Raça, abençoada por Deus, saindo dos lobregos negrimes do Grande Cativo, para quebrar as algemas nos esplendores da Restauração, quando se despreendeu, benditoante, o braço de Jesus.

Ontem era a decadência da Pátria, iniciada nas delícias capuanas da Índia e do Brasil.

Era mais do que os montantes a embotarem-se.

Era mais do que as inteligências desorientadas a malservirem a Raça.

Era a tradição estrangulada nos braços facinorosos do internacionalismo.

Eram as almas envenenadas pelo materialismo mais tórpe, transviando-se nas perversas miragens dos especuladores da credulidade popular, da santa confiança do povo ludibriado.

Era a cerração completa, opaca, enregelante, da história, envolvendo a Raça!

Mas eis que a Providência rasgou essa caligem, e, nesse rasgão, surgiu, como surgem as alvoradas de abril, no encantamento das cores lavadas e dos perfumes novos e dos gorgeios ternos, uma palavra:

«Hoje!»

Esta palavra soa mais alto do que o «Evoé» do paganismo.

Soa tão alto, ou mais do que o «Hossana» da turba que acompanhou Jesus a Jerusalém!

Soa quasi tão alto como os brados litúrgicos da Ressurreição nas manhãs de encanto da Páscoa desta vila, quando o cortejo triunfal das coisas novas e renovadas, passa, ao som de repiques festivos, pelas ruas, pisando juncos e espadanas, na frescura da manhã, em que há colchas ricas pelas janelas e flores caindo sobre o pátio rico que resguarda a Verdade Eterna e gentes humildes que se aguiolham comovidas e confiantes, na Eterna Esperança da Paz e da Justiça!

Mas, «hoje» já não é só uma Pátria assombrada nas alegrias da ressurreição.

É o velho mundo surpreendido na sombra em que se maquinam as injustiças internacionais, que se queda, nesta encruzilhada negra da História, em que a Justiça é um tropêço e as verdades são mentiras e os direitos dos povos pequenos são farrapos!

É o velho mundo, trajando velhos fatos do guarda-roupa da Enciclopédica, manchados pela lama de mil mascaradas trágicas, que se queda assombrado, olhando e escutando o que se passa nestes dois palmos de terra, como se estivesse assistindo à ressurreição de Lázaro; com aquele ar pálido com que nós veríamos erguer-se, de um túmulo, um morto, que pudesse trazer-nos, da Eternidade a palavra tremenda da condenação eterna!

Das cumiadas magníficas deste «hoje», de onde uma Pátria ressurgida grita ao mundo, com a autoridade da sua ressurreição, e dos seus direitos históricos, o caminho da justiça, nós podemos ver longe, perscrutando o futuro; e lá nos surge, vagamente delineada, uma palavra: a última das quatro que vos prometi dizer e vestir com a lãzinha e a estamemha humildes da minha pobre palavra:

Amanhã.

O que será amanhã?

Desviemo-nos um pouco dos ensinamentos do Mestre, que dizia:

«Não andeis cuidadosos sobre o dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si mesmo».

Desviemo-nos um pouco dos ensinamentos do Mestre e perguntemos:

O que será «Amanhã»? Será o que nós quisermos que seja!

«Preguntai-o à mocidade que aí está representada, e ela vos responderá com o terceto da sua marcha:

«Querer! Querer! E lá vamos!

Tronco em flor, estende os ramos

À mocidade que passa!»

Embora à nossa passagem, já os troncos em flor não estendam os ramos, não desanimemos.

Continuemos a querer! Queiramos! Queiramos!

Diz o velho ditado: «Querer é poder».

Continuemos a querer e a crer!

Lembra-vos sempre, legionários, e todos os que já não sois crianças de que as esplêndidas realizações de «hoje» são obra de Alguém cuja idade é superior à média da nossa.

Alguém que quiz salvar Portugal e o salvou!

Alguém que quiz criar a mística da esperança patriótica e a criou!

Sirvamo-lo, servindo Portugal.

Os novos com o seu ardor, com a força do nosso exemplo, pelo caminho desbravado que lhes abrimos.

Os velhos com a sua experiência, com a sua acção calma e metódica.

Continuemos a querer e a crer, e o amanhã será para nós o Portugal Maior sonhado por aqueles em cujas almas arde e sobe mais alta a flama do patriotismo, o Portugal que ressurgiu e que ascendeu à sua maior glória!

Queiramos! Queiramos, com espírito alto, construtivo, patriótico.

Precavamo-nos, com justiça, com caridade, daqueles que se empenham em gaigar, em destruir, em derrubar, mostrando-se ignorantes de que a Providência, como se viu no caso feliz que aqui se celebra, se encarrega de defender e erguer mais alto, aqueles que se prentende derrubar.

Unamo-nos, todos nós portugueses! Unamo-nos, nesta hora decisiva do nosso engrandecimento. Cada um no seu lugar. Cada um cumprindo a sua missão. Cada um aguardando a sua hora, sem precipitações, sem injustiças, sem faltas de caridade!

Unamo-nos todos os que não hesitam em sacrificar o seu interesse pessoal à paz, à caridade, ao interesse comum.

E áqueles que ainda não sentiram os olhos da alma tocados pela luz da ressurreição, desejemos que encontrem depressa a sua estrada de Damasco, aquela estrada em que Saulo, o maior perseguidor dos cristãos, se transformou em Paulo, tombando cego pela luz do Céu.

Desejemos que esses também se rendam à luz da evidência da obra maravilhosa já realizada e venham colaborar na obra do engrandecimento da Pátria ressurgida.

Sr. Presidente da Câmara:

Ao terminar — e agradecendo a honra que me deu convidando-me para usar da palavra nesta sessão promovida pela Câmara de sua presidência. — devo dizer que me parece ter notado uma certa estranheza por, nem uma só vez eu ter, no meu discorrer, proferido o nome de Salazar.

É que eu entendo, Sr. presidente e meus senhores, que não basta gritar Salazar!

É preciso viver Salazar na compreensão nítida do seu pensamento, do seu sacrifício, da sua missão providencial.

É viver Salazar é colaborar com ele, por mais humilde que seja o nosso trabalho, na obra colossal do engrandecimento da Pátria, nessa obra que é o «choje» esplêndido de realizações, a encher-nos de orgulho legítimo, a impôr-nos à mais alta consideração do mundo inteiro; nessa obra que será o «amánhã» da maior glória, o «amánhã» da apoteose da Raça.

Viver Salazar é, sentirmo-nos orgulhosos de obedecer a ele, que é o Chefe Máximo, por que é o Servidor Maior da Raça.

Viver Salazar é enternecer-mo-nos com ele na contemplação das misérias do povo, a que ele procura dar remédio.

Viver Salazar é sentir na alma um júbilo imenso pelos triunfos magníficos da sua inteligência e do seu patriotismo acrisolado.

Viver Salazar é, enfim, essa torrente de congratulação a que também nos juntamos, com que a Nação inteira, posta à beira do abismo por um atentado abominável, sentiu, mais uma vez, a intervenção da Providência, que tantas vezes nos tem amparado nas horas negras da nossa história!

Sim. É forçoso que eu levante um viva a Salazar a fechar as minhas considerações, mas lembrai-vos de que Salazar é a humildade no silêncio.

Por isso, eu vou dar esse viva muito baixinho, como se fosse uma oração à Providência. Oração de graças, porque Ela o suscitou numa hora grave e o salvou da morte que seria uma catástrofe. Oração de súplica para que a Providência o tenha sempre sob a sua mão protectora.

VIVA SALAZAR!

Falou a seguir o Presidente da Câmara e União Nacional sr. Dr. Abilio Tavares que começou o seu eloquente discurso por afirmar que se encontrava possuído de dois estados de alma absolutamente diferentes e contrários, um de alegria e outro de tristeza: de alegria por se ter malogrado o abominável atentado que procurava destruir a preciosa vida do Chefe, o que motivou o vibrante movimento da Nação em sua volta, simultaneamente revelador do grande apreço que lhe dedica e do decidido apoio que lhe presta; de tristeza por inspirar com mágoa que ainda há portugueses que se servem do atentado cobarde à vida individual para imporem os seus princípios políticos. Filia o atentado na traição de

alguns portugueses que, dando o braço aos órgãos de Valência e Moscovo, procuram negociar o brio e a independência de Portugal. Analisa profundamente o conceito das revoluções para afirmar que, depois da revolução liberal, a única revolução que honrou Portugal, foi a revolução operada por Salazar, revolução construtiva, atingindo todos os sectores da vida pública nacional.

O atentado, diz, visava não sômente à destruição de uma vida, mas à destruição da ideia que essa vida representa, à destruição da revolução que ela criou e desenvolveu. Sempre escutado com muito interesse o orador foca doutrinalmente o sistema comunista e os regimes informados pelo conceito nacionalista, acabando por demonstrar, com copiosa soma de argumentações, a excelência dos últimos. Continuando, afirma que o mundo é abalado por essas duas grandes correntes ideológicas, que têm como palco da sua representação sangrenta a Hespanha martirizada; mas como no meio dessas correntes ainda exista uma grande massa de indiferentes faz-lhe um caloroso apêlo para que venham combater ao lado do nacionalismo, que é a barricada da ordem. «Venham, afirma com entusiasmo e sinceridade, que a nossa causa não é um monopólio de famílias ou de clientelas, mas está aberta a todos aqueles que de boa vontade se queiram alistar. Venham que ninguém lhes perguntará a hora a que entraram, bastando que venham com desejo de bem servir».

Espraia-se ainda em considerações diversas terminando assim o seu discurso:

«Não se força, assim, um portal da história, disse o Chefe. É que as páginas maravilhosas que ele está escrevendo nessa história é que hão-de abrir a clareira luminosa por onde as gerações futuras levarão Portugal triunfante».

Encerrou a sessão o administrador do concelho sr. António Heitor Dias que prometeu transmitir ao sr. Governador Civil o entusiasmo das manifestações.

Todos os oradores foram calorosamente aplaudidos, registando-se, no decorrer da sessão, e sobretudo no seu encerramento, vibrantes manifestações nacionalistas em que dominavam os vivas a Salazar e ao General Carmona e abaixos ao Comunismo.

À noite, a filarmónica da Sociedade União Maçaense deu um concerto no Parque dos Bombeiros, sendo pública a entrada.

Alvaro Martins Catarino

Com Fábrica de Cintas de Lã, Casteletas, Bureis e outros artigos

Vende Tintas e troca Lãs

MAÇÃO

Casa de Saúde de Abrantes

(CLINICA CIRURGICA)

Director: Dr. Manuel Fernandes

Instalada com todo o conforto moderno em edificio próprio, tendo quartos particulares e enfermarias (chouffage, água quente e fria, sinalização luminosa, telefone nos quartos, grande solarium para convalescentes).

Diatermia (ondas curtas e bisturi electrico). Serviços de Raios X e Laboratório anexos. Enfermagem a cargo das

Irmãs Franciscanas Hospitalaeras Portuguesas.

Telefone: Abrantes, 77

R. de Santa Iria, 35